

# RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS: DA RECENTE MASSA CRÍTICA A UM OPORTUNO PROJETO DE AÇÃO

Gilda Santos\*

Um dos muitos contributos importantes que as comemorações em torno dos “500 anos” do Brasil aqui nos legaram terá sido a grande produção de massa crítica em torno de temas ligados às relações luso-brasileiras. Efetivamente, a par de alguns poucos eventos marcados pelo fracasso – e por isso mesmo efêmeros –, restou-nos uma vasta bibliografia de revisitação e revisão desse complexíssimo diálogo entre dois países, cuja retórica oficial ora os nomeava de “Pai e Filho” ora de “Países irmãos”, para horror de antilusitanistas ferrenhos empenhados em acentuar as feridas do embate entre colonizado e colonizador.

Do que me foi possível ler na grande imprensa, na internet, em periódicos universitários e em livros os mais variados, pareceu-me que a tônica dos enfoques deslocou-se da contínua reduplicação de estereótipos, positivos ou negativos, para a observação mais objetiva – e inevitavelmente mais madura – dessas relações. Sob esse novo olhar, esfumou-se a imagem lusófoba de um português pobre, burro, sujo e ganancioso, que emigra para o Brasil em busca da “árvore das patacas” – imagem camiliana sobretudo veiculada por intelectuais brasileiros comprometidos com a afirmação nacional diante da antiga metrópole, que se

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq.

alargou até as camadas populares urbanas, ameaçadas pela presença de concorrentes no mercado de trabalho.<sup>1</sup> Mas esfumou-se também a imagem lusófila do português laborioso, empreendedor, sonhador e sentimental, que ama como seu o novo solo, embora não deixe de sonhar com o regresso à algo mítica “terrinha” – imagem cultivada pelos líderes da “colônia” nas casas regionais recreativas e associativas. Essas sínteses redutoras repetidas à exaustão durante anos a fio deram lugar a estatísticas, levantamentos, rebusca de fontes, edições de documentos arquivados, que se espalharam por incontáveis páginas, em volumes ou na *internet*, em que se lêem registros mais sólidos e multifacetados da avaliação recíproca entre Brasil e Portugal.

Assim, num saudável propósito de repensar o estabelecido, que se inicia antes mesmo do ano 2000 e perdura até os dias que correm, têm vindo à tona nomes e temas calados ou esquecidos. Exemplo claro será a importante atuação do grupo de intelectuais portugueses exilados no Brasil, sobretudo nos anos 50/60, que interagiram intensamente com o meio universitário e cultural brasileiros da época e que, na grande maioria, se reuniram em torno do jornal anti-salazarista *Portugal Democrático*, editado em São Paulo entre 1956 e 1975. Nomes caros ao mundo das Letras ou da História, como os de Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Jaime Cortesão, Rodrigues Lapa, Joaquim Barradas de Carvalho, integraram o que Antonio Cândido,<sup>2</sup> numa conferência de 1998, chamou de “missão portuguesa virtual”, em alusão às missões oficiais italiana, francesa e mesmo portuguesa, que alicerçaram a Universidade de São Paulo. Estes dados, até há pouco praticamente desconhecidos, já renderam uma Exposição Fotográfica, alguns ensaios, uma tese acadêmica, pesquisas em curso e a organização de um livro de ensaios.<sup>3</sup> Ou seja, parece que finalmente foi ouvida a frase-queixa de Carlos Drummond de Andrade sobre esses imigrantes

1 Valho-me aqui das palavras precisas de Aníbal Bragança, em carta publicada na Revista de Domingo, do *Jornal do Brasil*, em 11 de agosto de 2002, página 6.

2 Conferência “Intelectuais portugueses e a cultura brasileira”, proferida na Unesp/Araraquara, no dia 1 de setembro de 1998, em sessão do Congresso Internacional “Sinais de Jorge de Sena”.

3 A Exposição “Sinais de Jorge de Sena e outros escritores portugueses contemporâneos”, patrocinada pelo Sesc-SP, foi exibida no Congresso referido na nota 2, no 6.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas – AIL – (Rio, 8-13 de agosto de 1999) e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (agosto-setembro de 1999). Os ensaios são de minha autoria e da autoria de Douglas Mansur da Silva. A dissertação de mestrado é sobre o *Portugal Democrático* e foi defendida na Unicamp por Douglas Mansur da Silva, em 2000. As pesquisas em curso são as dos doutorandos Cláudia Atanázio Valentim e de Leonardo Trotta, ambos da Faculdade de Letras/UFRJ. O livro, organizado por Rui Moreira Leite, encontra-se no prelo.

intelectuais portugueses no Brasil, escrita em 1972: “os benefícios que trouxe[ram] para o meio cultural brasileiro não foram ainda avaliados.”<sup>4</sup>

Noutra direção, mas com igual tônus reavaliativo, localiza-se o caso de Gilberto Freyre, cuja teoria do “lusotropicalismo” esteve abolida, durante anos, de muitos cursos universitários. Mais recentemente, talvez sob o influxo desses tempos comemorativos e ideologicamente menos inflexíveis, começou a ser reabilitada.

No universo editorial brasileiro recente, seria supérfluo enumerar a grande quantidade de novos títulos ou de reedições, nas áreas da História, da Iconografia, da Antropologia ou da Sociologia que, pelo mesmo viés da “revisão”, retomam questões luso-brasileiras, numa perspectiva em tudo diferenciada daquelas publicações que, já antes de Salazar – e, por vezes, com patrocínio institucional dos dois governos – circulavam no Brasil para difundir a retórica bombástica oficial<sup>5</sup> dos “indissolúveis laços luso-brasileiros...”

De laços falemos. Ou, antes, de “enlaces e desenlaces”. Ou, melhor ainda, de ações práticas para os evidenciar, aderindo, com os meios possíveis, a esse salutar processo crítico, liberto de ressentimentos e culpas, que venho de definir como fundamental.

Desde 1992, sou a editora da revista do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, *Convergência Lusíada*, que pouco prestígio alcançava nos meios universitários, uma vez que sua organização parecia ater-se mais aos interesses político-comunitários da tradicional “colônia portuguesa”, do que à difusão da pesquisa científica. Paulatinamente, tentei mudar-lhe o perfil, procurando convocar nomes respeitáveis da comunidade acadêmica para suas seções, aos quais solicitava a ênfase, tanto quanto possível, sobre esse diálogo luso-brasileiro para o qual eu antevia a publicação vocacionada. Um primeiro passo para “nobilitar” a revista, foi a requisição do ISSN. Depois, felizmente apoiada pela atual presidência do Real Gabinete, sob o pretexto das comemorações em torno do “Descobrimento do Brasil”, consegui dar o salto que desejava, organizando o número 17 como volume temático “Brasil e Portugal: 500 anos de enlaces e desenlaces”, para cujas 408 páginas convidei 32 nomes prestigiosos, de várias áreas do saber, como Letras, História, Antropologia, Sociologia. O sucesso foi enorme e a tiragem de mil exemplares em menos de um

4 ANDRADE, C. D. Casais Monteiro e o Brasil. In: BELLODI, Z. (Org.). *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, 10. Araraquara: Unesp, 1981. p. 18. A frase, em crônica de 6 de agosto de 1972, refere-se particularmente a Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena.

5 Penso particularmente nas revistas luso-brasileiras, como a *Atlântida*, que foi objeto da dissertação de mestrado de Janise de Sousa Paiva, defendida na UFF em 2000.

ano estava esgotada, fato inédito na trajetória das edições da casa. O preparo da revista coincidiu com o convite para organizar um “Curso de Verão”, exatamente sob o mesmo título-tema, no prestigiadíssimo “Conventinho da Arrábida”, em Portugal, controlado pela CNCDP – Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. Para esse curso, que teve ampla repercussão na imprensa portuguesa, selecionei alguns dos colaboradores desse número especial da revista, brasileiros e portugueses, e foi lá, em meio ao verde luxuriante debruçado sobre o mar, que fizemos seu “lançamento oficial”, dia 01 de agosto de 2000.

O êxito da publicação motivou-me a um segundo volume do mesmo título, lançado em 2001, com 366 páginas e 36 participantes. E só nessa altura dei-me conta de que não conhecia senão por telefone ou por *e-mail* muitos dos colaboradores que convidara para esses dois números especiais. Da mesma forma, constatei que pesquisadores que trataram de temas próximos não se conheciam. Ocorreu-me então promover uma reunião em que esses ensaístas se apresentassem uns aos outros. Marcada para o dia 24 de abril de 2001, no Real Gabinete, a ela compareceram 28 pesquisadores, da UFRJ, UFF, UERJ e PUC-Rio, predominantemente das áreas de Letras e História. Como resultado desse produtivo encontro, firmou-se a decisão de se criar uma entidade que a todos congregasse sob o elo comum do estudo das relações luso-brasileiras. Assim nasceu o PPRLB – Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras, logo inscrito no Centro de Estudos já existente no Real Gabinete, do qual cedo se tornou uma extensão dinâmica, e que hoje abriga cinco Núcleos de pesquisa – pelos quais se distribuem cerca de 40 estudiosos (docentes, pós-graduandos e graduandos) –, unidos por temáticas afins, evidentemente marcados pela perspectiva multidisciplinar: “Cultura e Sociedade”, coordenado primeiro por Maria Aparecida Rezende Mota (História/UFRJ), depois por José Bittencourt (História, Cerlub/MHN) e atualmente por Francisco Palomanes Martinho (História/UERJ); “Manuscritos e Autógrafos”, coordenado inicialmente por Ronaldo Menegaz (Letras/PUC-Rio e Biblioteca Nacional) e depois por Sonia Monnerat Barbosa (Letras/UFF); “Publicações e Leituras”, coordenado por Aníbal Bragança (História/UFF); “Migrações e Exílio”, coordenado primeiro por Gladys Sabina Ribeiro (História/UFF; PRONEX-Unicamp) e agora por Heloísa Paulo (História/UFRJ) e “A Literatura Portuguesa no Brasil”, coordenado por Ida Maria Santos Ferreira Alves (Letras/UFF). Ressalte-se que cada Núcleo goza de plena autonomia no planejamento de suas atividades, com o fito de preservar o perfil, a dinâmica e objetivos de cada um. O Núcleo “Manuscritos e Autógrafos”, por exemplo, ocupa-se em indexar o material autógrafo arquivado no Real Gabinete, que ainda não tinha sido objeto de classificação criteriosa.

Assim, constituído por professores e pesquisadores de vários ramos das Ciências Humanas, estabelecida a sua estrutura básica e definidas as suas perspectivas de trabalho, são claros os propósitos do PPRLB: incentivar o aprofundamento dos estudos voltados para as relações luso-brasileiras, em seus mais variados aspectos, e dar-lhes a desejada visibilidade. Nesse sentido, destaque merece a elogiada publicação virtual *Impressão Régia*,<sup>6</sup> idealizada e editada pelo diligente companheiro Aníbal Bragança, que, ao divulgar as atividades desenvolvidas pelo PPRLB, ampliou enormemente o número de efetivos ou “virtuais” colaboradores. Com efeito, hoje o PPRLB tem “correspondentes” em vários estados brasileiros e no exterior, interessados todos no enfoque das relações luso-brasileiras. E – sem qualquer dúvida – todas as adesões serão bem-vindas.

Para celebrar um ano de existência de frutífero intercâmbio – pessoal e bibliográfico –, o PPRLB promoveu, nos dias 22 e 23 de abril de 2002, o Colóquio “Relações Luso-Brasileiras: Enlaces e Desenlaces”. Mesmo sem contar com qualquer apoio oficial, logrou reunir nos salões do Real Gabinete cerca de 150 participantes inscritos, e mais de 70 expositores, provindo s de várias universidades do Rio de Janeiro, de outros Estados brasileiros e de Portugal. Na ocasião, foi lançado mais um número especial (19) da revista *Convergência Lusíada*, de 448 páginas, agora com o título de “Relações Luso-Brasileiras” e já organizado pelos coordenadores do PPRLB. A grande maioria dos 33 ensaios aí publicados constitui-se como comunicações apresentadas no Colóquio, uma vez que os organizadores pretendiam transformar a revista em algo como “atas prévias”, o que se revela extremamente produtivo para eventos dessa natureza.

Outro resultado importante do PPRLB, e agora de visibilidade ainda mais ampla, foi o Simpósio “Relações Luso-Brasileiras: entre o ressentimento e o fascínio” que integrou o VIII Congresso da ABRALIC, realizado em Belo Horizonte, de 24 a 26 de julho último. Surgido no seio do PPRLB, congregou vários de seus participantes dentre os 24 inscritos. Sob a coordenação dos Profs. Drs. Silvio Renato Jorge e Ida Maria Ferreira Alves, ambos da UFF e membros entusiastas do PPRLB, acolheu também, em suas seis mesas-redondas, estudiosos vinculados não só às universidades do Rio de Janeiro (UFRJ, UFF, UERJ) mas ainda às de outros estados (UFRS, UFPR, UFMG) e mesmo do exterior (Universidade de Minnesota, USA).

Em âmbito mais restrito, vale assinalar o sucesso de dois Cursos de Extensão, promovidos pelo PPRLB e dedicados primordialmente a estudantes universitários, porém abertos ao público em geral. O primeiro, sob a coordenação

6 e-mail: impressaoregia@terra.com.br

de Gilda Santos e Ida Maria Ferreira Alves, recebeu o título “Rio-Lisboa: entre Letras e Artes” e realizou-se ao longo do mês de outubro de 2002, em promoção conjunta da UFRJ, da UFF e do próprio Real Gabinete. A segunda experiência bem-sucedida deu-se de maio a junho de 2003, organizada por Monica Figueiredo e Sérgio Nazar David, contando com o apoio institucional agora da UFRJ e da UERJ (além do Real Gabinete). Sob o título de “Nomes, Histórias e Terras”, esse curso congregou professores das várias universidades cariocas que abordaram em suas palestras personagens marcantes da Literatura Portuguesa e da Brasileira.

Tendo completado seu segundo ano de existência, o PPRLB, agora inscrito no “Diretório de Grupos de Pesquisa” do CNPq, prepara novas publicações, cursos e seminários. O relato comprova que essa experiência tem-se revelado extremamente produtiva e está transformando o magnífico espaço neomanuelino da Rua Luís de Camões em efetivo lugar de produção científica. E eu, como “Coordenadora-Geral” do PPRLB, eleita por meus pares e reconduzida no posto até abril de 2005, não posso deixar de atribuir o sucesso dessa iniciativa a todos aqueles que comigo vêm partilhando o peso e o prazer do levar avante um projeto digno e oportuno em que, de mãos enlaçadas, todos acreditamos.

Rio, agosto, 2002.

## RESUMO

Partindo da constatação de que as comemorações dos “500 anos” desencadearam grande apetência para o revisitar e o refletir sobre o complexo diálogo luso-brasileiro, o texto noticia uma ação conjunta nesse sentido, idealizada por professores universitários e sediada no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro: a criação do Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras (PPRLB), em abril de 2001.

*Palavras-chave: Relações luso-brasileiras, “Brasil: 500 anos”, Real Gabinete Português de Leitura.*

## ABSTRACT

After the celebrations of the 500 years of Brazil, one finds out that the celebrations unchained great appetency to think about the complex Luso-Brazilian dialog. This article gives word about a combined action thought by university professors and grounded in the Real Gabinete Português de Leitura in Rio de Janeiro: the creation of the Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras (PPRLB), in April, 2001.

*Key-words: Luso-Brazilian relationships, Brazil 500 years, Real Gabinete Português de Leitura.*

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. Casais Monteiro e o Brasil. In: BELLODI, Z. (Org.). *Cadernos de Teoria e Crítica Literária*, 10. Araraquara: Unesp, 1981.